

Resenhas

***Língua – Vidas em Português***

**Victor Lopes.**

**Brasil/Portugal, 2004**

**Margarete Fagundes Nunes**

Doutoranda em Antropologia Social. UFSC.  
Resenha apresentada na disciplina de Antropologia Visual,  
ministrada pela professora Carmen S. Rial.

Quem somos nós, os que pensamos, falamos e/ou escrevemos por meio da língua portuguesa? O que nos une, além da língua? Quem são os duzentos milhões que dormem e sonham em português? O documentário *Língua – Vidas em Português* revela no próprio nome o desejo de uma busca, um ponto de encontro entre tantas vidas, todas elas em português. E é nesse jogo, de exibição de identidades e diferenças, que se constrói o filme. O diretor Victor Lopes aposta nas linguagens urbanas: no movimento *hip-hop* que, apesar de ser uma linguagem global, apresenta em cada lugar significações renovadas e contextualizadas da exclusão racial e social dos africanos e descendentes de africanos. Há uma presença forte dos sonhos da juventude: o menino do movimento *hip-hop* fala da exclusão, mas não esquece dos seus sonhos. Os jovens moçambicanos e muçulmanos “ricos” também fazem o seu discurso de contestação e rebeldia. No Brasil, transitamos pelo cotidiano dos trabalhadores urbanos da economia informal, representado pela figura de um vendedor de balas, que é também pastor de uma igreja pentecostal. Cenas do Rio de Janeiro, cenas do Brasil: ônibus lotados, indiferença, vendedores ambulantes, proliferação e disseminação das novas religiões, música, botecos, encontros, batucadas. É o Rio do Martinho da Vila, um negro que “deu certo” numa terra luso-afro-brasileira, talvez, ali, a própria síntese que une Brasil, Portugal e África.

Victor Lopes fez boas tomadas do cotidiano de algumas vidas em português: em Portugal, Moçambique, Brasil, Goa, Japão, mas faltaram imagens de Angola. Infelizmente, Angola aparece como citação: fala-se de Angola por intermédio de um jovem angolano radi-

cado no Japão. Entretanto, não faltaram brasileiros e outros falantes da língua portuguesa quebrando ao som do Terra Samba, no Japão. São a música e a ginga baianas globalizadas. Não é qualquer música baiana, é justamente aquela cuja letra é tão acusada de “empobrecer a língua portuguesa” e a própria música brasileira.

Da linguagem coloquial, informal, do português de rua, vamos para o português formal, reconhecido na voz dos que tanto o amam: Saramago, João Ubaldo Ribeiro, Mia Couto. Arrisco a dizer que as cenas com Mia Couto são as mais belas do filme: pelas imagens, pelas falas do escritor que tanto exalta Moçambique e sua gente.

Portugal aparece diminuído, pequeno, frente à riqueza cultural que disseminou por vários cantos do mundo. Aliás, as imagens de Portugal não são as mais significativas do filme. Talvez tenha sido intencional. Há uma parte do filme em que Portugal e Brasil são comparados e o Brasil é mostrado como o “filho que superou o pai”.

O diretor apostou em várias cenas com ônibus, no Brasil e em Portugal. Cenas de rua, cenas de movimento, vidas em trânsito. A própria ênfase no *Rap* já traz essa dimensão da cultura de rua, valorizando uma estética musical que tem a oralidade como marca e força. No caso do Brasil, a presença do vendedor de balas/pastor torna evidente o domínio do português na oralidade: a língua é a garantia de sua sobrevivência no dia-a-dia dos coletivos e base de sustentação do seu lugar no universo religioso. Ele, o vendedor de balas e pastor, é o que é pela língua.

Em geral, o documentário conseguiu atingir aquilo a que se propôs: mostrar cenas do cotidiano de vidas em português, destacando aspectos de identidade e diferença. Do português brasileiro elegeu temas, fez escolhas. Não marcou as diferenças regionais. De cada país, optou por uma visão mais homogênea. A diversidade limitou-se às nacionalidades, como se no interior de cada país ela não estivesse colocada. Apesar disso, o documentário emociona, mobiliza atenções e sentimentos em torno do pertencimento de uma comunidade outra, qualquer coisa “trans” que nos aproxima de outros sujeitos e de outros grupos, estejam esses em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal...